

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 11

JULHO DE 1961

BREVE INFORMAÇÃO SOBRE OS ÍNDIOS ASURINI
E PARAKANAN; RIO TOCANTINS, PARÁ

EXPEDITO ARNAUD

Instituto de Antropologia
e Etnologia do Pará

A região do Estado do Pará, situada à margem esquerda do Rio Tocantins, entre os paralelos 3 Lat. N. e 5 Lat. S., que se estende das proximidades do rio Pucuruí, afluente do Tocantins, ao local denominado Joana Peres, quase confronte à cidade de Baião, é ainda, no presente, predominantemente ocupada por índios tribais. Sua penetração pela frente pioneira nacional, impulsionada para Oeste, em busca dos castanhais aí existentes, começou a tomar vulto em 1927. A Estrada de Ferro do Tocantins, iniciada em 1895, e, atualmente, com um percurso de 117 quilômetros, em direção ao Sul, entre Tucuruí (antiga Alcobaça) e Jatobal, constituía a via principal dessa penetração. A partir daquele ano (1927) até recentemente, em 1953, êsse território foi marcado por luta armada entre índios e castanheiros. Expedições punitivas contra os acampamentos e aldeias indígenas agravaram a situação, revidando os índios com ataques não só aos coletores de castanha como aos trabalhadores da Estrada de Ferro, ameaçando assim a permanência dos esparsos núcleos de povoamento.

O ano de 1949 foi dos mais críticos. Lavradores abandonavam as roças e as turmas de conservação da Estrada de Ferro, sòmente operavam, quando protegidas por guardas armados. Êsses fatos levaram, o Serviço de Proteção aos Índios, a intensificar suas atividades na região e desenvolver um plano de

atração e pacificação desses grupos indígenas hostís, e, ao mesmo tempo, evitar o seu extermínio pelas expedições punitivas. Foi um trabalho lento que, somente em 1953, veio a produzir resultados efetivos, com a aproximação pacífica de dois grupos tribais diferentes. O primeiro desses encontros foi realizado no sítio Apinagé, entre os igarapés Piranheira e Trucará, situado, aproximadamente, 12 quilômetros abaixo da cidade de Tucuruí; e o segundo, em um acampamento a 16 quilômetros da orla da Estrada de Ferro, à margem do igarapé Pucuruishinho, afluente do rio Pucuruí. As turmas de pacificação do S.P.I., identificaram esses índios como pertencentes às tribos Asuriní (1) e Parakanan (2).

Acêrca dos acontecimentos, a 2.^a Inspetoria Regional do S.P.I., no relatório do ano de 1953, fêz as seguintes referências: “Trucará — Índios Hurinís. A aproximação dos índios verificou-se no dia 27 (Março), quando realizaram um ligeiro ataque ao barracão da Turma. Posteriormente, em data de 29, novo ataque registrou-se, sendo lançadas 57 flechas contra nosso pessoal e sôbre a casa. Em data de 30, pela manhã, saíram os índios cujo verdadeiro nome é Hurinís, desarmados, tendo ido ao seu encontro o encarregado da Turma Hilmar Harry Kluck”... “Informaram os Hurinís que foram desalojados de sua aldeia por uma outra tribo, cujo nome dizem ser Utcaritan (3), sendo essa uma das razões porque se haviam estabelecido nas proximidades do lago Trucará”... “As despesas desta IR avultaram-se tremendamente pois nos vimos obrigados a socorrer os Hurinís

-
- (1) Asuriní—250 a 500—Tupí. Cabeceiras do rio Bacajá, afl. do médio Xingú. Um sub-grupo foi atraído em 1953, para o Pôsto Trocará, à margem da E. F. de Alcobaça, Estado do Pará. (Isolados). Ribeiro (1957:70). — Malcher (1958:21-26) classifica, distintamente, os índios atraídos em 1953, e do seguinte modo: Uriní—Entre as cabeceiras do rio Anauerá e o Tocantins, nas proximidades da serra do Trocará, margem esquerda do baixo Tocantins.
- (2) Parakanan—250 a 500. Entre o alto rio Jacundá e a margem esq. do rio Tocantins. Um sub-grupo foi atraído em 1953 para o Pôsto de Pacificação Pucuruí do S.P.I. prox. a E. F. de Alcobaça, Est. Pará (Isolados). Ribeiro (1957:88).
- (3) A expressão verdadeira é WARUAUITUNGA. Os Asuriní aplicam dita denominação aos Parakanan (N.A.)

inclusive de farinha alcançando a despesa semanal a cifra de 120 alqueires consumidos por esses índios, agora em frequência cada vez maior”. — “Pucuruí—3.º acampamento— Quando ainda nos rejubilavamos pela vitória alcançada no Trucará, eis que nos chegam notícias do primeiro encontro entre nossa Turma do 3.º Acampamento com os índios *PARACANANS*. Também neste contacto, como no do Trucará, ficou nosso pessoal despojado de tudo. Apesar de julgarmos serem os mesmos índios, daí veio nossa maior surpresa : *SÃO ÍNDIOS TOTALMENTE DIFERENTES*. Cortados os cabelos. Não usam qualquer espécie de deformação, tanto labial, lóbulo da orelha ou mesmo estojo peniano, além de serem altos ao inverso dos Hurinís”...

Dado o seu envolvimento pelos grupos Kayapó foram os Asuriní e Parakanan enquadrados na área cultural Tocantins-Xingu (Galvão-59:30). Sua cultura de que, somente agora, começamos a conhecer alguns aspectos, em maior detalhe, diverge em certos elementos básicos daqueles descritos para a área como uso de rédes de algodão, cerâmica e talvez no emprego de canoas para navegação. Igualmente a língua, uma forma de tupí-guaraní, contrasta com a distribuição maciça do Jê falado pelos Kayapó. Entretanto, dêsse contacto, resultaram na cultura Asuriní e Parakanan, empréstimos e inovações de origem Kayapó. Sobretudo em elementos acessórios como a indumentária, tipo e formas de ornato, uso de batoques, êses empréstimos são mais aparentes. Possivelmente, também, na organização familiar e nas idéias religiosas terá havido difusão de elementos Kayapó. Assim, os Asuriní e os Parakanan podem ser melhor considerados como “intrusivos” na área cultural Tocantins-Xingu. De qualquer modo êles ainda constituem, no todo de sua cultura, grupos distintos da cultura Kayapó-Timbira representativa dessa área.

No sentido de melhor caracterizá-los, tendo em vista ser tão precária a informação etnológica existente, resolvemos dar publicidade a observações pessoais, embora ainda incompletas, colhidas no decorrer de viagens realizadas na região do Tocantins, a partir de 1949, quando, na qualidade de Inspetor do S.P.I. visitamos pela primeira vez a região.

OS ASURINI (4)

Segundo Coudreau (1897:32), os Asurini que, em 1896, habitavam as matas situadas entre o rio Xingú e o seu afluente Pacajá, já eram, também, conhecidos na mesma época, no Tocantins, como “índios veados”. Neste rio se apresentavam muito pacíficos, embora naquele fossem hostis.

Tais informações, no entanto, são contestadas por Nimuendajú (1948:225), que, ao comentar Coudreau, assim se expressa: “Ninguém jamais ouviu referências a uma tribo com esse nome (Asurini) no Tocantins, nem o próprio Coudreau quando o explorava em 1897. Os índios erroneamente chamados Asurini, no baixo Tocantins, são Parakanan que, desde 1926, têm atacado os habitantes néo-brasileiros da margem esquerda”...

A despeito, porém, da omissão que cometeu em sua obra posterior (*Voyage au Tocantins-Araguaya: 1897*), quanto ao nome Asurini, não devemos ter como destituída de fundamento a afirmação anterior de Coudreau. Muitos anos após, em 1930, fase em que a zona da Estrada de Ferro do Tocantins, era constantemente incursionada por silvícolas, e, mais adiante, em 1931 e 1932, o Sr. Alípio Ituassu, então encarregado do Posto Indígena do Tocantins, falava frequentemente sobre grupos indígenas de características distintas, havendo, em seus relatórios, referências como estas: 1930—“No lugar denominado “Jcana Peres”, que fica abaixo de Alcobaça, dois dias de viagem, a vapor e à margem do Tocantins, os castanheiros daquela zona que trabalhavam, nessa ocasião, na exploração de castanha, in-

(4) Sinonímia: Asurini (do Yuruna, Asóneri — “vermelho”) — Assurini-kin. Em Yuruna, Surini. Em Shipaya-Adyi, kaporuiri-ri (Adyi, “selvagem”, mais kapor-ui-ri “vermelho”, kaporuri “muito vermelho”). Em Curuaya, Nupanupag (nupánu, “índio”, mais pag. “vermelho”). Em Arara, Nerima (?). Em Kayapó, Kubekamreg-ti (Kube, “índio”, mais kamreg “vermelho”, mais “ti” aumentativo). Nimuendajú (1948: 225). Hurini (“h” aspirado), Surini e Urini, possíveis auto-denominações, segundo informantes que travaram os primeiros contactos com os bandos atraídos, em 1953, à margem do Tocantins (N.A.)

ternados para o centro da mata uns quatro ou cinco dias de viagem, foram atacados por índios guerreiros, que lhe causaram mortes e prejuizos nos seus haveres. Dizem os ditos castanheiros que os índios que os atacaram são os mesmos que aparecem hostilmente nas margens da Estrada de Ferro de Alcobaça. Eu, porém, sou de opinião contrária, isto é, que os índios que atacam os castanheiros no citado lugar “Joana Peres”, não são os mesmos que combatem os moradores da Estrada do Tocantins. . . é sabido e ninguém nega que, na zona denominada Trucará, a qual fica entre os dois importantes centros (Alcobaça e Joana Peres), havia um grande aldeamento de índios “semi-civilizados”, índios esses que viviam em contínua luta com os habitantes dos centros castanheiros de Joana Peres”. —1931—“Ainda sôbre índios tenho a dizer-vos com toda a segurança que não só os índios que saem neste Pôsto, como os que atacam nas margens da Estrada de Alcobaça e ainda como os que atacam o Lago Grandê, são de tribos diferentes pois constatei isto, confrontando as flechas deixadas por êles nos ataques que têm feito, sendo que os que saem no Pôsto possuem as suas flechas muito mais imperfeitas do que as dos outros”. —1932— . . . “Índios guerreiros que atualmente fazem as suas excursões em caçadas, verdadeiras peregrinações por todo este interior. . . Temos os nossos “tapirís” à altura do Km. 22, na mata, justamente nos lugares que êles percorrem anualmente”. “Índios em vias de pacificação. Tivemos por duas vezes a presença dos índios que nos costumam visitar anualmente. . . Vieram como sempre pacificamente. . . Sômente não se retrairam do saque”.

Dois informantes com quem, recentemente, estivemos em contacto, vêm confirmar essas referências. Um dêles, antigo servidor do S.P.I., morador da zona da Estrada de Ferro desde 1926, nos disse que, sempre foram conhecidos pela denominação de Asuriní, os “índios guerreiros” que atacavam a mencionada região. O outro, habitante do Tocantins desde 1917, e que, aliás, tomou parte na expedição de represália, em 1930, realizada a mando do então Diretor da E. de Ferro do Tocantins, declarou o seguinte: — “Os índios chacinados naquela ocasião, usavam *cabeleira*, sendo diferentes dos Parakanan

que, antigamente, e agora, visitam o Pôsto do S.P.I., junto ao rio Pucuruí, e que já tive oportunidade de avistar inúmeras vêzes.”

No que diz respeito as incursões dos Asurini, no rio Xingú, eis o que registrou Nimuendajú (1948:225):- 1) Em 1894 surgem pela primeira vêz atacando um néo-brasileiro, na Praia Grande, acima da bôca do Pacajá do Xingú. 2) Em 1896 realizam dois ataques na Serra do Passahy e Praia Grande. 3) Em 1917 cessam suas incursões contra a margem direita do Xingú, mas passam a desenvolver hostilidades contra populações civilizadas do Pacajá. 4) Em 1922, as populações civilizadas fornecem armas e munições aos Arara, para uma guerra, de extermínio contra os Asurini ,porém, com sucesso duvidoso. 5) Em 1936 são atacados e desbaratados pelos Gorotire-Kaypó.

Quanto aos factos relacionados aos silvícolas conhecidos pela mesma denominação, no Tocantins ,onde, a partir da década de 1920, passaram a ser chamados “índios guerreiros”, colhemos, em documentos do S.P.I. os seguintes dados: — 1) Em Maio de 1930 atacam no Km 40, matando duas pessoas, mas, logo em seguida, são surpreendidos e chacinados em um acampamento, pela expedição punitiva organizada pela Diretoria da Estrada de Ferro do Tocantins, mencionada anteriormente, composta de trinta e tantos homens ,e chefiada por Balbino Ribeiro. 2) No ano de 1933, logo em seguida ao ataque que sofreram por parte de uma diligência policial dirigida por João Regis dos Santos, matam, saqueam e depredam no Km. 22. 3) Em Dezembro de 1937 entram em contacto com o Sub-Pôsto Indigena do Caripé, instalado no Km. 11, porém, quando se encontravam acampados nas proximidades do mesmo, são atacados, a bala, por trabalhadores da Estrada de Ferro. Em represália, invadem, no mesmo mês, um barracão distante três quilômetros do Caripé, matando duas pessoas e ferindo uma terceira. Sôbre o assunto ,o Inspetor do S.P.I. no Pará, em trêcho da comunicação que dirgiu a Diretoria dêsse Serviço, assim se expressa: “O ferido declarou, no entanto, segundo consta, que os atacantes falavam português claro. Essa declaração a ser verdadeira trás embaraços para a identificação

atacantes, uma vez que índios da tribo ASURINÍ, não falam o português" . . . 4) No início de 1941, fracassa uma expedição organizada pelo S.P.I. com o objetivo de pacificá-los. 5) Em 1948, conduzindo mulheres e crianças, tentam estabelecer relações amistosas com habitantes de um lugarejo situado próximo à cachoeira de Itaboca, porém, depois da "troca de brindes," foram atacados a tiros por garimpeiros porque se recusaram a entregar uma arara, um veado e uma queixada que conduziam. Subsequentemente voltam a atacar, desta vez, o próprio barracão do S.P.I., no Km. 67 (5), e mais adiante matam uma mulher cabocla.

Após a pacificação dos mencionados índios, em 1953, cessaram os conflitos, entre índios e néo-brasileiros, à margem esquerda do baixo Tocantins. Ainda permanecem porém, arredios vários bandos Asuriní, que mantêm relações esporádicas com os sivicólas atualmente assistidos pelo Posto Indígena do Trucará. São, possivelmente os responsáveis por algumas incursões nos rios Jacundá, Pacajá de Portel e Anapú, onde, é bem provável que sejam confundidos com os Parakanan.

Quanto a uma possível ligação entre os grupos Asuriní que ora tratamos e os aldeamentos do Xingú, nenhuma referência possuímos a respeito. Entretanto, conforme já frisou Moreira Neto (1959:61), parece que tais comunidades, de longa data, se encontram separadas. Aliás, os silvícolas atraídos em 1953 à margem do Tocantins, se distinguem pelo uso de grandes batóques labiais, à semelhança dos Kayapós; e segundo informantes Xikrin (*kayapó*), que constantemente hostilizam os Asuriní, da bacia do Xingú, estes não exibem os mencionados adornos. (6)

Os Asuriní, atraídos em 1953, estavam divididos em dois grupos locais. Um deles, chefiado pelo índio Koatinêmo, pro-

(5) Dois índios Asuriní que, depois de pacificados, foram àquele local, confirmaram o ataque.

(6) Após se fixarem no Trucará, os Asuriní, não mais praticaram a deformação labial. Um índio pertencente a um bando arredio do Pacajá, recentemente chegado ao mencionado local, informou que tal prática não mais ocorre, também, em seu aldeamento (N.A.)

cedia das cabeceiras do rio que, os próprios silvícolas, denominam Pacajá (possivelmente o de Portel); e o outro chefiado pelo índio Sawé, vinha de malocas situadas na região chamada Cachoeira Grande, nas imediações da Serra do Trucará, não muito distante da margem esquerda do Tocantins. Atingia a 190 o total de indivíduos existentes naquela ocasião. Antes de findar o ano, porém, vitimados pela gripe e desintéria, já haviam perecido mais de 50 índios, conforme nos esclareceu o Sr. João Mendes Ferreira, na época, o encarregado do Pôsto do S.P.I.. A maior parte dos sobreviventes voltou a se internar na mata, e, certamente, se foi agregar a outros grupos do Pacajá. Os restantes se reuniram em um só bando sob a chefia de Koatinêmo.

Dois anos após, em 1955, as estatísticas apresentadas pelo mencionado estabelecimento davam como assistidos 66 índios (16 homens, 18 mulheres, 22 menores de 12 anos do sexo masculino e 10 do sexo feminino). Após a grande enchente que assolou o Tocantins, em 1956, Koatinêmo abandonou o Trucará. Os remanescentes que passaram quase dois anos dispersados, sofrendo privações, hoje se encontram novamente assistidos pelo S.P.I. Apenas um aglomerado de indivíduos, 26 ao todo (11 homens, 7 mulheres e 8 menores de 12 anos), sem chefia própria e trabalhando, em comum, com o pessoal do Pôsto. Dos índios, em idade adulta, chegados em 1953, só resta um sobrevivente, de nome Nakaawé, que, aliás, é o pajé do grupo.

São os Asuriní de reduzida estatura, em média 1,58 mts., sendo as mulheres um pouco mais baixas que os homens. Êstes pintam o corpo de urucú, usam no lábio inferior, somente os adultos, o batoque de madeira (kajuipé), anteriormente citado, e fazem uso do estojo peniano — uma minúscula peça de palha (pináwa), de forma afunilada, igual à usada pelos Kayapó, com que prendem o prepúcio sôbre a glândula. As mulheres não usam qualquer proteção sexual. O uso de roupas, porém, já se vai constituindo a indumentária comum dos Asuriní do Pôsto, os quais, hoje, em presença de estranhos, não mais se apresentam despidos.

O córte do cabelo, em ambos os sexos, é feito horizontalmente, à altura das orelhas, atrás e nos lados, variado, à frente, entre o meio e o limite superior da testa.

Como adornos, apresentam : (a) ornato para cabeça (*arapexinga*), em forma de corôa radial, sem flexibilidade, feito com penas, de arara, papagaio, ararajuba e outras aves, embutidas em uma roda de palha; (b) bracelete (*mapikuaháwa*) confeccionado com tufo de penas presas em fios de algodão tingidos de urucu; (c) colar (*kaiúja*), de dentes de macaco, presos em torçal de algodão, de côr encarnada; (d) argola de palha (*pináwa*), usada para distender o lóbulo perfurado da orelha; e (e) pente (*kiwáwa*) de forma singela, com dentes de paxiúba, comprimidos entre duas talas transversais, roliças, separadas entre si por trançado de fios de algodão, ora encarnados, ora de côr marron. Os adornos de cabeça e braceletes são usados pelos homens, o colar pelas mulheres e as argolas por ambos os sexos.

Entre os instrumentos musicais destacam-se : a flauta de pan. um pífaro de taboca, de aproximadamente, 0,30m. de comprimento por 0,02 mts. de diâmetro, com três ou quatro orifícios no centro; uma buzina, de taboca, medindo, em média, 0,20 m. de comprimento por 0,08 mt. de diâmetro, de furo lateral, aberta apenas em uma das extremidades; e a grande buzina, também de taboca, contendo no interior sem tocar as paredes, uma vareta com cêrca de 0,10 mt. presa em rodilha de envira, a qual atua como vibrador para produzir sons. Êste que é o principal instrumento musical dos Asuriní, mede de 1 a 3 metros de comprimento. Tocam nessas grandes buzinas, diversas variações musicais, sendo, a cada uma delas aplicada uma denominação distinta. Entre outras conseguimos anotar a "música do fogo", a da "anta", a do "veado", do "papagaio" e do "macaco".

A rêde (*tupáwa*) é de trama bem espaçada, sem punhos ou contrafortes nas extremidades distais, onde são, simplesmente, reunidos os fios da urdidura. Empregam na sua confecção a envira, a fibra de tucum e o fio de algodão, ora entremeadas, ora sòmente uma dessas espécies; mais comumente a envira, talvez por ser material de fácil obtenção. As cordas de sus-

pensão são de envira ou tucum. A tipóia (*tapaja*), para condução de crianças, é também de trama espaçada, e feita com fios de algodão, tingidos de preto ou vermelho, com genipapo ou urucu.

A cerâmica Asuriní é simples, de côr preta, sem decoração. O processo empregado na sua confecção é o do 'rolete em espiral'. Os potes são de forma globular, sem base acentuada, tendo o pescoço constricto e a borda extrovertida. O emprêgo é restrito a fins utilitários. Atualmente, no Trucará, não mais estão fabricando objetos de barro, em vista a fácil obtenção de utensílios de alumínio e ágata. Alguns exemplares que tivemos ocasião de observar, há pouco, eram oriundos de uma aldeia do Pacajá.

Na cestaria empregam o trançado sobreposto (*plaited*). O cêsto ou paneiro (*arawáza*), para transporte de carga pesada, tem a forma globular, sendo reforçado lateralmente, com contrafortes de cipó. O trançado é aberto, cruzando-se as talas em diagonal e horizontal. Um cêsto de carregar, menor, ou jamaxí (*manakopia*), feito para guardar miudezas e para ser conduzido pelas mulheres nas viagens, é de forma trapezoide, sendo aberto em cima e frontalmente. Na parte trazeira e inferior, empregam um trançado fechado, vertical-horizontal, feito de talas de côr natural, amarela, com outras pintadas de marron ou preto, formando desenhos geométricos. Lateralmente, usam um trançado aberto, mais bem elaborado, sendo que, o intercruzamento de tiras verticais, horizontais, e em diagonal, deixa espaços abertos de contorno losangular.

Como armas, no Trucará, sòmente identificamos o arco e a flecha. O grande arco (*uirapára*), pela sua forma peculiar, um dos traços mais característicos da cultura Asuriní, é feito de paxiúba ou de outra madeira semelhante, tem a secção plana (achatada), o cordame de fibra de tucum, sendo, algumas vezes, ornamentado com fios de algodão tingidos de genipapo ou urucu. A medida varia entre 1,95 a 2,00 mts. de comprimento por 0,06 e 0,07 de largura no centro. Um exemplar idêntico ao acima descrito foi encontrado, por volta de 1942, em terras do Xingu percorridas pelos Asuriní. Fazia parte da antiga coleção etno-

gráfica da 2.^a Inspetoria Regional do S.P.I. em Belém do Pará, posteriormente removida para o Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Confeccionam, também, os índios do Trucará, peças mais curtas, embora do mesmo formato, medindo, em média, 1,50 mts. de comprimento por 0,03 de largura no centro.

A flecha (*uúwa*) tem, em média, 1,75 mts. de comprimento, sendo a emplumação lateral, e presa por fios de algodão ou envira, medindo cêrca de 0,20 mts. Usam lâmina de taboca ou ponteira de madeira, roliça. A lâmina atinge a 0,35 mts. de comprimento por 0,03 de largura, e a ponteira roliça, aproximadamente, a mesma dimensão. Logo que apareceram no Trucará, traziam, também, flechas de ponta de osso que, atualmente, não estão mais fabricando.

A casa Asuriní é simples, de forma retangular, com cobertura de palha, de duas águas, sem paredes laterais ou frontais. Na parte superior fazem jiraus para guardar utensílios. Uma expedição do S.P.I., realizada em fins de 1953, encontrou vários acampamentos Asuriní abandonados, sendo que, um dêles, situado em uma grande clareira, possuía 13 malocas — 3 com capacidade para abrigar cêrca de 15 pessoas, e as outras de 8 a 10, segundo calcularam os expedicionários. Costumam também, êstes índios, mesmo na época das chuvas, se abrigar em tapiris, de confecção tosca, com cobertura de palha, de duas águas. Preferem, as vezes, na fase de estio, ficar simplesmente bivacados, protegidos pela vegetação, com as rêdes atadas em árvores ou varais.

Quando foram atraídos, possuíam grande número de cães, e também, como xerimbabos, araras, ararajubas, papagaios, veados, caititús, cotias, etc.

Processam sua manutenção através da caça, pesca, coleta de castanha, babaçú, bacaba, inajá, frutos de natureza diversa tapurus, assim como da horticultura. Na caça e na pesca utilizam o arco e flechas. Pescam, também, pelo sistema da mucuóca (tapagem de igarapés), e com anzóis de aço que, segundo dizem, de há muito já conheciam, pois os obtinham quando assaltavam habitações de néo-brasileiros nas zonas do Tocantins e de Portel. Informam que, no Pacajá, pescavam com o timbó. Êstes mes-

mos informantes dizem que, no mencionado rio, fabricavam canoas (7) de casca de árvores, provavelmente de jatobá.

Embora no Trucará tenham vivido os Asuriní, desde o início, na semi-dependência do Pôsto, sempre demonstraram, em suas pequenas lavouras de subsistência preferir as plantas tuberosas, principalmente a mandioca brava e, bem assim, a batata doce, o inhame e a macaxeira. Plantam também o milho, e dizem que, nos aldeamentos da Cachoeira Grande e do Pacajá, cultivavam, além das espécies mencionadas, a banana, a cana de açúcar, o urucú, o algodão e o tabaco. Algodão e urucú, cultivados, foram encontrados por expedicionários do S.P.I. junto a malocas Asuriní abandonadas, porém as demais variedades carecem de confirmação (tabaco, banana e cana de açúcar), embora que, logo nos primeiros contactos, em 1953, se apresentassem fumando o "Nicotiana tabacum", sob a forma de grandes cigarros, de mais de 0,50 mts. de comprimento, com envólucro de tauarí.

A utilização da mandioca consiste, principalmente, na fabricação do bolo (*tipirá*), que é feito com massa puba, ou então pela mistura desta com a mandioca ralada. Uma vez espremidos com as mãos são os bolos deixados secar ao sol e, em seguida, guardados em cêstos para, posteriormente, serem desmanchados em mingaus e farinha, cuja torração, em pequenas quantidades, é feita em panelas de barro. Dizem os Asuriní que, em seus antigos aldeamentos, usavam tipitís e fornos de barro, porém, no Trucará, por iniciativa própria, sempre preferiram confeccionar o "*tipirá*", talvez por ser um processo mais simples ou mais a seu gosto. Só mui raramente procuram produzir a farinha diretamente no fôrno, o que, aliás, fazem com pouca habilidade, resultando um produto grosseiro.

Constitui ocupação dos homens a caça, a pesca, os trabalhos preparativos de lavoura (broca, derruba, queima e coivara), a confecção dos cestos, arcos e flechas. As mulheres competem fiar o algodão, fazer as cordas de envira e tucum, fabricar as rêdes e os objetos de cerâmica. Cabe a elas, outrossim, no de-

(7) Os Asuriní também constroem canoas —Nimuendajú— (1948:230)

ccorrer das viagens conduzir os utensílios da família. No plantio e colheita dos roçados, empregam-se igualmente, elementos de ambos os sexos, porém, nas colheitas, as mulheres tem participação mais ativa. Os adornos são feitos, indistintamente, por homens e mulheres. Segundo informantes, a fabricação de jamaxis no Trucará, constitui atividade mista, sendo o trançado aberto usado na parte lateral dos mesmos, feito pelas mulheres.

Afirmam os informantes índios que os produtos das roças, os coletados e os oriundos das atividades de caça e pesca eram propriedade comum a todos os membros do bando. Hoje entre os índios assistidos pelo Pôsto do S.P.I. já sem hierarquia, atravessando um período de franca desintegração e mesmo caminhando para o extermínio completo, aquele processo não mais ocorre. Cada indivíduo tudo o que obtem utiliza em proveito próprio e, quando muito, de sua família. Por exemplo, se um Asuriní é determinado pelo Encarregado do Pôsto para caçar ou pescar, sem companhia, geralmente não se esforça para conseguir mais que o necessário para seu sustento imediato, regressando de mãos vasias.

No matrimônio a forma mais comumente observada, entre êstes índios, é a monogâmica. Casos de poliginia, também, foram constatados por ocasião dos primeiros contactos, em 1953, restritos, no entanto, a homens investidos em cargos de chefia. Por exemplo, Koatinêmo que chefiava um dos bandos atraídos naquele ano, possuía duas espôsas, mesmo depois da epidemia anteriormente referida, que dizimou quase a metade da população indígena do Trucará. Algumas mulheres Asuriní do Pôsto, talvez por influência de valores apreendidos com os néo-brasileiros, afirmam não lhes favorecer a poliginia, racionalizando a atitude, dizendo que as mulheres brigam muito entre si.

Não identificamos entre os índios do Trucará, uniões de casamento entre parentes consaguíneos próximos. Elementos de ambos os sexos com quem estivemos em contacto, aliás, nos deram a impressão de repudiar a forma aludida. Abstemo-nos, porém, de estender considerações a respeito, pois, conforme referência que fizemos em outro período, o grupo de remanes-

centes está de tal forma desorganizado que o levantamento de genealogias e a observação direta é precária.

Praticam êstes índios a adoção de crianças, não só parentes como também casais sem filhos e mulheres solteiras. Conhecemos vários jovens Asuriní que, havendo perdido a mãe, foram criados por outras mulheres.

Um caso de infanticídio, embora não consumado, ocorrido no Trucará, temos a registrar : Uma recém-nascida foi atirada na cova em companhia da mãe que acabava de falecer, sendo então salva pela intervenção do Encarregado do Pôsto, Sr. João Mendes Ferreira, já citado anteriormente, o qual acabou por se tornar o pai adotivo da criança. Embora o fato tenha se verificado em uma situação de crise, ou seja, por ocasião do surto gripal havido em fins de 1953, quando os índios que ainda podiam caminhar batiam em retirada e iam deixando os cadáveres insepultos ao longo das trilhas, o costume de enterrar o filho recém-nascido juntamente com a mãe falecida, provàvelmente não é estranho aos Asuriní, considerando-se que tal prática ocorre em inúmeros outros grupos tribais.

Na prática da "couvade" permanece o homem recolhido à rêde, entre 10 e 15 dias, abstendo-se de qualquer trabalho e sòmente ingerindo alimentos leves. A parturiente, também, lhe fica fazendo companhia, embora execute pequenos serviços caseiros. Durante a "couvade" a única caça permitida para alimentação é o jabotí.

O grupo Asuriní do Pôsto do S.P.I. possui um único pajé, o qual ainda desfruta de certo prestígio. Além de dirigir as danças é muito procurado para o exercício de suas funções de curador, pois, êstes índios, apesar de aceitarem sem constrangimento qualquer medicamento via oral, injetável ou de aplicação local, costumam completar o tratamento indo "tirar o bicho do corpo". O pajé inicia a prática fazendo fumigações com tabaco, dançando e cantando. Marca o ritmo com guizos de cascas e caroços de frutas atados aos tornozelos. Em seguida, debruça-se sôbre o enfêrmo chupando com fôrça e demoradamente o lugar onde os sintomas da doença se manifestam. Terminada esta parte coloca a mão na boca e, após várias tentativas, vomita

o “bicho” (barata, bezouro, ou dente de animal), que exhibe ao paciente ou aos possíveis circunstantes.

O enterramento é simples e direto, efetuando-se no interior da casa onde residia o morto. Após colocados na sepultura os objetos que lhe pertenciam, a habitação é abandonada, incontinente, pelos demais moradores. Não conseguimos obter informações positivas quanto a forma da sepultura e posição em que o cadáver é colocado na mesma.

Maíra é a designação dada pelos Asuriní a um antepassado que lhes trouxe os elementos culturais. (8)

A despeito de nossa falta de prática em anotações linguísticas, colhemos o vocabulário abaixo transcrito, utilizando como orientação a lista de Glotocronologia de M. Swadesh. Alguns termos foram omitidos por falta de identificação; no entanto, outros foram acrescentados. A notação fonética foi simplificada, servindo este vocabulário tão somente como indicação prévia da língua Asuriní, dada a possível inexistência de dados publicados a respeito. (9)

PORTUGUÊS	ASURINÍ	PORTUGUÊS	ASURINÍ
Eu..Ijé	Comprido..Pukú
Tu..Ené	Curto..Iapuá
Ele..Aé	Largo..Pipehú
Nós..Auzehú	Fraco..Tawatawá
Quem?..Awá	Forte..Iwijé
Quem é?..Awapá	Quente..Hakín
Não..Enuhún	Frio..Iwihí
Sim..Enoké	Bom..Katú
Muito..Hetá	Mau..Katuín
Aqui..Á	Doce..Waruá
Lá..Pé	Amargo..Iraún
Perto..Eupé	Seco..Tipáu
Longe..Kué	Molhado..Iakín
Vem cá?..Exán	Fedorento..Inêmo
Como te chamas?..	..Maé Neréra	Cheiroso..Pihé (?)
Grande..Uhú	À frente..Tenunehá
Pequeno (pouco)..	..Pipí	Atrás..Tewíra

(8) Maíra é o herói cultural de inúmeros grupos Tupí-guaraní; veja-se Metraux (1950).

(9) Na grafia dos termos da língua Asuriní, obedecemos o seguinte critério: H = H aspirado. J = J de “Joe”, no inglês. K = C duro do português ou K do inglês ou alemão. N final indicando nasalização. W = W do inglês. As demais consoantes e vogais com os sons aproximados do português.

PORTUGUÊS	ASURINÍ	PORTUGUÊS	ASURINI
Em cima	Iwaté	Mão	Pá
Em baixo	Iupé	Pé	Píá
Apertado	Upitên	Braço	Tiwá
Gente do mato	Kaapehára	Pulso	Pawá
Homem	Kumaé	Perna	Retemú
Mulher	Kujúa	Joelho	Kanawá
Criança	Kurumí	Peito	Putiá
Menino	Awaxeí	Seio (de mulher)	Kôma
Menina	Kujeí	Coração	Ixowá ?
Donzela	Imemiraanuhí	Barriga	Hewenga
Mulher sem marido	Kujuamukú	Tripa	Rihé
Chefe (tuchaua)	Kumaeiwijehú	Unha	Kuapé
Xamã (pajé) — quem tira o bicho	Upurupitên ?	Anus	Kuá
Pessoa branca	Karáí	Pênis	Hakója
Bonito (pessoa)	Iarô	Vulva	Kuára
Bonita (")	Puranga	Testículos	Piá
Feio (")	Iwaipáun	Asa	Utiupipé
Feia (")	Nairói	Bico	Tiá
Mentiroso	Itemún	Pena	Pepá
Espôso	Imêna	Rabo	Wáza
Espôsa	Hatí	Ave	Uirá
Avô	Miamúí	Arara	Araranuhú
Avó	Miarí	Papagaio	Axuruhú
Tio	Tutíra	Ararajuba	Tarawé
Tia	Kujára	Nambu	Nanbú
Pai (o filho chama)	Miangá	Pato	Uirapiupéwa
Pai (a filha chama)	Miatô	Mutum	Mutúa
Mãe (o filho chama)	Mihé	Jacu	Jakupêma
Mãe (a filha chama)	Mihá	Preguiça	Arekajú
Irmão (outro irmão chama)	Sereíra	Anta	Tapíira
Irmão (a irmã chama)	Sekiíra	Boi	Tapíiruhú
Irmã (outra irmã chama)	Sepkiíra	Veado	Mixára
Irmã (o irmão chama)	Serenêra	Paca	Karoaruhú
Pele (Couro)	Piréra	Cotia	Kotíra
Sangue	Uíá	Tatu	Tatú
Ossos	Kinha	Caetetu	Tiwaá
Carne	Maeraá	Queixada	Tajahú
Gordura	Káwa	Porco (comum)	Kuré
Cabelo	Áwa	Macaco	Kafa
Cabeça	Akin	Guariba	Kikí
Rosto	Rekuára	Cachorro	Jawára
Pescoço	Renianawa	Onça	Jawaruhú
Nariz	Tiá	Cobra	Máxa
Boca	Xurú	Jaboti	Jautiá
Dente	Rúza	Tracajá	Jautiakapeúna
Lábio	Remé	Gato	Pixána
Lingua	Kíu	Carapanã	Xatiô
Queixo	Renuangô	Piolho	Kiwa
Ouvido	Pikuára	Barata	Turiperú
Olho	Rehá	Formiga	Tatí
		Peixe	Pirá
		Arraia	Xarewíra
		Sapo (rã)	Kururúwa

PORTUGUÊS	ASURINÍ
Tapuru..	Wanguíra
Leite..	Ikamía
Casca..	Piréra
Ovo..	Upiá
Fruto..	Iwá
Flôr..	Putíra
Folha (mato)..	Kaá
Palha..	Pináwa
Roçado..	Kupijáu
Feijão..	Kumanaí
Arroz..	Wiagáu
Milho..	Awatí
Algodão..	Aminejó
Urucu..	Urukú
Folha de tabaco..	Petimupiéra
Fumo (cigarro)..	Petíma
Mandioca..	Manianga
Macaxeira..	Manipixiú
Inhame..	Kará
Castanha do Pará..	Xuá
Côco de babaçu..	Natá
Açaí..	Xuxiarí
Bacaba..	Pinuá
Inajá..	Inajá
Banana..	Xatá
Batata doce..	Xetínga
Tucumã..	Tucúm
Timbó..	Timá
Jenipapo..	Jenipáu
Bambu (taboca)..	Takuajajúna
Mel..	Efra
Farinha..	Uí
Tapioca..	Tipianga
Bofo de mandioca..	Tipirá
Mingáu..	Kawíxe
Piquiá..	Pekeiá
Fogo..	Tatá
Água..	Ía
Pedra..	Itá
Terra..	Iwía
Vento..	Iwitô
Fumaça (nuvem)..	Tatatínha
Estrela..	Xaitatá
Céu..	Luanga
Relâmpago..	Tupô
Trovão..	Unarôn
Lua..	Xiahí (*)
Sol..	Koarahí
Chuva..	Amina

PORTUGUÊS	ASURINÍ
Arco-íris..	Iwangaháwa
Dia..	Koême
Noite..	Ipitún
Rio..	Paranún
Igarapé..	Ikoapía
Praia..	Iitínga
Montanha..	Witíra
Lago..	Ievênga
Fio (linha)..	Iniman
Panela de barro..	Xaé
Panela de alumínio ou ágata	Paratúa
Cesto (côfo)..	Peíra
Paneiro (cesto grande)..	Arawáza
Jamaxí..	Manakopía
Peneira..	Iropêma
Rêde..	Tupáwa
Tipoiá..	Tapája
Canôa..	Ihára
Remo..	Iharapejutáwa
Machado..	Cía
Terçado..	Kihé
Faca..	Kiheí
Anzol..	Piná
Páu..	Iwíra
Cacete..	Iwirakánga
Flecha..	Uíwa
Arco..	Uirapára
Buzina..	Kumiá ?
Pente..	Kiwáwa
Batoque..	Kajuipe
Adorno de cabeça..	Arapexínga
Colar..	Kaiúja
Bracelete..	Mapikuaháwa
Casa..	Anga
Branco..	Ipitún
Preto..	Ipihún
Vermelho..	Ipiron
Amarelo..	Iiron
Hum (1)..	Uzepezú
Dois (2)..	Mukúi
Três (3)..	Nairúi
Quatro (4)..	Iranatoeté ?
Cozido..	Ipipôna
Assado..	Ixi páun
Morto..	Ezeki
Vivo..	Ekué
Doente..	Eruí
Copular..	Eremenú

(*) Em algumas palavras da língua Asuriní, verifica-se que o "h" aspirado corresponde ao "c" do antigo tupí. Exemplo: Xiahí — Iací; Koarahí — Koarací; Kihé — Kicé.